

Os tipos raciais presentes em TEX: os negros.

ALINE FERREIRA ANTUNES¹

Universidade Federal de Goiás

aline_robinha@yahoo.com.br

Introdução:

Tex Willer é um personagem de histórias em quadrinhos italianas (*fumetti*) produzidas desde 1948 em Milão pelo roteirista Giovanni Luigi Bonelli, ou simplesmente GianLuigi Bonelli, e pelo desenhista Aurelio Galleppini, Galep. É também o nome da revista do personagem, publicada até os dias atuais sob a responsabilidade do editor-chefe Mauro Boselli e do diretor da *Sergio Bonelli Editore* (SBE), Davide Bonelli, neto do criador.

No Brasil a revista conta com oito linhas editoriais sob a responsabilidade da Mythos Editora que procura fazer a tradução fiel das HQs sem cortes de imagens ou de roteiro.

O personagem é um ranger, cowboy, mestre com as armas e está sempre à serviço da Justiça e da Lei. Ele é a metáfora da Lei e da civilização no Oeste, metaforicamente é o responsável por expandir e levar a civilização, o progresso a este território inóspito, cheio de homens violentos, de fugitivos. Acompanhado de seus parceiros Kit Carson, Kit Willer (seu filho) e Jack Tigre, se aventura em diversos lugares dos Estados Unidos e Canadá, ao longo da segunda metade do século XIX (1850-1900).

Também chamado de Águia da Noite (*Aquilla della notte*) pelos indígenas, Tex é o chefe de todas as tribos navajos dos EUA por ter se casado com a filha do chefe, Lírio Branco (ou Lilyth). É representante indígena dos navajos junto ao governo de

¹ Doutoranda pelo programa de pós-graduação interdisciplinar em Performances Culturais - Universidade Federal do Goiás (UFG). Mestre em História - Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Especialização em metodologia do Ensino de História e Geografia - Faculdade de Educação São Luís. Graduação em licenciatura e bacharelado em História - UFU.

Washington, o que significa que sempre que necessário intervém nas relações entre os indígenas e o “grande pai branco”².

Desde meu ingresso na universidade estou comprometida com pesquisas cujo objeto eram as revistas de Tex: projetos de pesquisa (PIBIC³), monografia de final de curso, dissertação de mestrado, todos desenvolvidos especificamente na área de História e Cultura. Posso afirmar que este tema de pensar as relações do personagem com estereótipos de negros, indígenas, mexicanos e chineses no Oeste, nasceu em 2015 quando da participação de um congresso na USP: 3ªs jornadas de quadrinhos internacionais da Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo (ECA-USP) com o trabalho “Personagens característicos: os estereótipos presentes nas revistas de Tex Willer”. A participação em congressos destinados a quadrinhos foi crucial para o desenvolvimento das pesquisas por proporcionar acesso à materiais sobre a temática.

O tema do mestrado foi centrado na relação entre os estereótipos de tipos raciais presentes nas revistas TEX e o ranger. Este trabalho, portanto, surgiu como uma proposta de apresentar as discussões feitas no terceiro capítulo da dissertação que trazia dois grupos principais retratados em TEX: os negros e os indígenas. Contudo, devido à extensão do mesmo, optei por fazer um recorte somente do primeiro grupo. Demonstro aqui também uma mudança pela qual minha pesquisa está submetida no doutorado: da História Cultural para as Performances Culturais⁴.

Neste sentido, este trabalho se constitui também a partir das discussões travadas na disciplina de Teorias e práticas das Performances culturais cursada no primeiro semestre do doutorado na UFG sob responsabilidade do professor Dr. Robson Corrêa de Camargo. Ele será apresentado na ANPUH-2019 e também como trabalho de conclusão da disciplina pois traz as primeiras reflexões estabelecendo a ponte entre a História Cultural e as Performances Culturais.

² Como os indígenas denominam o governo de Washington nas revistas, provavelmente fazendo referência à Casa Branca ou ao fato de ser um governo essencialmente, para não dizer exclusivo, exercido por brancos, colonos.

³ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação científica.

⁴ Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás - PPGIPC- UFG.

A liminaridade da pesquisa: da História Cultural às Performances culturais

Aproprio-me do termo de Victor Turner, liminaridade, pois acredito que minha pesquisa está passando por um processo de mudança e conseqüentemente de reestruturação, o que implica estar no liminar, no entre-lugar, o que se dá por meio dos diálogos que estabeleço entre a história e as performances culturais.

A historiografia passou por diversas mudanças ao longo dos anos e a década de 1970 contribuiu para um alargamento no Brasil de fontes e pesquisas. Também as Performances surgem enquanto campo de pesquisa interdisciplinar. Dito isto, as pesquisas que realizei, sempre estiveram atreladas à História Cultural⁵, sobretudo pautadas em conceitos como representação (Chartier) - este modo de estar no mundo, o imaginário social sobretudo estadunidense e o italiano, pensado enquanto um sistema de ideias e representações divulgados no cinema do século XX que contribui para a divulgação/criação de uma imagem de Oeste que se pretende construir; procurando perceber este mundo simbólico de Tex retratado nas narrativas de suas aventuras tanto nos roteiros, quanto nos desenhos encabeçados por Bonelli e Galep e que hoje são reproduzidos e recriados por diversos outros profissionais.

A abertura da historiografia para novos objetos, novos problemas, permite também uma aproximação da História com outras áreas do conhecimento, como a sociologia, a antropologia, a psicologia. Mas é somente com o florescimento da História Cultural, no Brasil a partir da década de 1970, que os laços se tornam mais estreitos, o que propicia hoje o desenvolvimento deste trabalho dialogando História e Performances.

A História Cultural, muito ligada as mentalidades, à filosofia, à história das ideologias, do imaginário (anos 1980-1990), que se relaciona com a cultura permite a

⁵ A cultura é vista como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se traduz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, por tanto, já com um significado e uma apreciação valorativa. (PESAVENTO, 2012, p. 5).

aproximação com as Performances também propicia uma discussão dentro da própria Performances (enquanto teoria e método).

Termo cunhado por Milton Singer, hoje é bastante utilizado nas obras de Victor Turner, Geertz e Schechener. Constituem uma área ampla, interdisciplinar de trabalho e que já está presente em vários países em programas de pós-graduação (EUA, Alemanha, Brasil). É uma área que nos permite identificar o mundo como representação (Chartier) e perceber as dualidades do mundo (bom x mau; ranger x bandido), as liminaridades (Turner), a pensar o simbólico, que não é apenas representação do mundo, mas é interação humana, é compreender as produções humanas a partir das sensibilidades (Pesavento).

A performance é uma área que atravessa vários autores, desde a História Cultural, a linguística (Saussure), as artes, o teatro. Para Schechener (1985) as performances são um campo entre o teatro e a antropologia, um espaço interrelacional, ou seja, que se encontra no meio. Neste sentido, podemos afirmar que as performances culturais são um campo de interdisciplinaridade, um campo de tensões, de disputas, um não lugar.

Tex é um caldeirão cultural, um mundo de sensibilidades, pois perpassa as relações humanas. Ainda são iniciais as discussões sobre sensibilidades, mas este se mostra um campo de pesquisa que poderá dar conta da complexidade e abrangência do mundo texiano.

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos. Nessa medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida. (PESAVENTO, 2005, p. 59).

Pensar a revista por meio das sensibilidades é me aproximar do mundo de atos, ritos, materialidades dos personagens e também dos fãs de Tex, que criam um mundo imaginário de homenagens: poesias, músicas, caricaturas, desenhos, entre outras coisas.

Como afirma Sandra Pesavento (2012), as sensibilidades estão expressas em todas “as ações humanas, em atos, ritos, palavras, imagens, objetos da vida material” (p. 8),

remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta

de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas razões ou motivações, no caso, não tenham consistência real. (PESAVENTO, 2012, p. 8-9).

As representações estereotipadas dos negros nas revistas TEX

Segundo Michael Banton (1998), nos Estados Unidos, no início do século XIX havia um consenso em dividir a população somente em três seções: brancos, negros e indígenas. Ao longo dos anos há uma mudança nestas classificações, o que implicava, legalmente, no reconhecimento de quem era considerado cidadão e quem estava excluído desta categoria.

[...] Em 1866, a legislatura aprovou uma Lei de Direitos Cívicos que declarou que todas as pessoas nascidas nos Estados Unidos eram cidadãos e que “tais cidadãos, de todas as raças e cores ... teriam o mesmo direito... de fazer e executar contratos”, e fazer várias outras coisas⁶.

Mesmo que em 1866 houvesse um reconhecimento de que todos os nascidos nos Estados Unidos eram cidadãos, a mentalidade da população para aceitar a legislação muda lentamente.

O movimento afro-americano de direitos civis nos Estados Unidos durante os anos 1950 e início dos anos 1960 funcionou como o catalisador em que a cadeia democrática de equivalência radical reconstituiu os sujeitos políticos através da fronteira metafórica da própria diferença racial. Por um lado, isso se desdobrava internamente como uma radicalização da identidade racial subalterna inscrita na forma de transição "Negro" para "Black"⁷.

Segundo o autor Eric W. Williams, citado por Banton (1998), a “escravidão não nasceu do racismo: o racismo foi consequência da escravidão” (1944:7).⁸ (WILLIAMS,

⁶ [...] In 1866 the legislature passed a Civil Rights Act which declared that all persons born in the United States were citizens thereof, and that ‘such citizens, of every race and color... shall have the same right... to make and enforce contracts’ and do various other things.” (BANTON, Michael, 1998, p. 1).

⁷ The Afro-American civil rights movement in the United States during the 1950s and early 1960s acted as the catalyst in which the radical democratic chain of equivalence reconstituted political subjects across the metaphorical boundary of racial difference itself. On the one hand, this unfolded internally as a radicalization of subaltern racial identity inscribed in the transition form ‘Negro’ to ‘Black’. (MERCER, Kobena Mercer, In: BLACK, Les; SOLOMOS, John., 2009, p. 586).

⁸ “Slavery was not born of racism: rather, racism was the consequence of slavery.”

apud BANTON, Michael. 1998, p. 26). É com o desenvolvimento do conceito de raça que temos também uma sistematização da escravidão estadunidense.

Ainda Segundo Michael Banton, “A concepção de raça como tipo foi desenvolvida de forma mais sistemática nos Estados Unidos. [...] Quaisquer escritos sobre diferenças raciais foram imediatamente examinados para ver quais implicações eles poderiam ter para o conflito sobre a escravidão dos negros.”⁹ (Ibid., p. 49). E isto é notável também nas representações feitas nas histórias em quadrinhos de Tex Willer. Por diversas vezes o ranger tem que intervir em favor dos grupos tidos como minoritários nas revistas (sejam eles negros ou indígenas) perante as autoridades brancas uma vez que, ele enquanto branco, teria uma voz, uma representatividade que os negros não teriam e, por isto, seriam injustiçados nos julgamentos, por exemplo.

Após a Guerra e a Emancipação, o dogma da raça foi mantido no Sul como necessário para justificar o sistema de castas que sucedeu a escravidão como a organização social das relações entre negros e brancos. De fato, é provável que o preconceito racial tenha aumentado no sul, pelo menos até o final da reconstrução e, provavelmente, até o início do século XX.¹⁰

Não distante disto, geralmente a aparição da população de personagens negros nas revistas também se dá nas seguintes ocasiões: relatos sobre a Guerra de Secessão, relatos sobre a escravidão e a importância do presidente Lincoln para o fim dela, ou então perseguições da população branca aos negros no pós-guerra de Secessão (como a seita Ku Klux Klan retratada em *A Cruz Flamejante*).

Mesmo Tex sendo do Texas – estado ao Sul dos Estados Unidos, portanto pró escravidão, o herói é produzido no século XX, momento no qual esta prática já é condenada, politicamente incorreta e contra os direitos humanos, portanto se coloca ao lado dos nortistas e pró negros, com um discurso de que todos são iguais perante a lei.

⁹ The conception of race as type was developed most systematically in the United States. [...] Any writings about racial differences were immediately scrutinised to see what implications they might have for the conflict over Negro slavery.”

¹⁰ After the War and Emancipation, the race dogma was retained in the South as necessary to justify the caste system which succeeded slavery as the social organization of Negro-White relations. In fact, it is probable that racial prejudice increased in the South at least up to the end of reconstruction and probably until the beginning of the twentieth century. (Gunnar Myrdal, In: BLACK, Les; SOLOMOS, John., 2009, p. 115.

Este discurso do personagem é dos roteiristas, de uma Itália do século XX, que também enfrenta problemas fortes ligados diretamente ao racismo.

Não é surpreendente que o discurso de que a Itália é o centro do mundo, que perdura desde o Império Romano tenha servido de base para o fascismo italiano, pautado em um mito de origem a partir da ideia de que o próprio Noé vem fertilizar o solo da Itália e gerar um povo [escolhido]. Para Poliakov, “nenhuma outra tradição medieval europeia ousou pretender tal homenagem patriarcal. A esta naturalização de Noé fazem eco, na época moderna, os propósitos de Mussolini [...]” (POLIAKOV, 1974, p. 64). Ou seja, além de uma pretensão a “povo escolhido”, há também uma referência religiosa marcante na cultura italiana – que também se faz presente em TEX.

O mesmo mito presente na Itália de Mussolini (de raça superior e povo eleito por Deus) é representado por Bonelli e Galep em Tex ao lerem a história dos Estados Unidos e criticarem o não reconhecimento dos personagens negros enquanto parte da identidade nacional, do estado. Tanto os EUA do século XIX, de Tex, quanto a Itália dos criadores do personagem, no século XX, não reconhecem a miscigenação como parte da construção da identidade nacional. Portanto, as críticas tecidas pelos roteiristas aos EUA é também uma crítica à maneira como os próprios italianos se elegem como povo, branco, e que desprezam qualquer outra etnia que não se encaixe no mito dos escolhidos: imigrantes por exemplo.

Em *Sul profundo* (1982), uma aventura que se passa entre o Tennessee e o Mississippi, Tex toma partido de um negro acusado injustamente por homens brancos que resolvem linchá-lo aplicando o que consideram ser A Lei. No país em construção, na falta de representantes do governo ou de uma figura que personifique a Lei, os grupos mais fortes, com mais poder (e isso implica mais dinheiro, mais posses – terras, no caso dos estados do Sul) são a própria Lei. Na medida em que Tex se coloca como empecilho à efetivação do linchamento/da Lei dos brancos, ele também se coloca como, além de herói, o “porta bandeira” do progresso, uma vez que a Lei de Washington significa a expansão da civilização do Leste, das 13 colônias, em direção aos povos bárbaros do Oeste, conforme afirmei no início deste artigo. Neste sentido, é como se Tex fosse a civilização,

fosse a Lei e fosse o progresso, por mais que suas atitudes, diversas vezes, demonstrem o contrário (pancadaria, violência, tortura).

Segundo Patricia Nelson Limerick (1987),

A crença no progresso tem sido uma força motriz no mundo moderno; Como depositário de enormes esperanças de progresso, o oeste americano pode muito bem ser o melhor lugar para observar o resultado complexo e contraditório dessa fé. Além de seu papel nacional, o Oeste estadunidense tem seu próprio significado regional. Distante tanto de Nova York quanto de Washington D.C.; a presença da maioria das reservas indígenas da nação; proximidade com o México; portos abrindo para a Bacia do Pacífico e Ásia; dependência da extração de recursos naturais; a experiência de conquista numa época em que a nação americana estava totalmente formada e totalmente autoconsciente; a associação da região com uma variedade potente e persistente de mitos nacionalistas; a aridez de muitas áreas: todos esses fatores dão ao Oeste seu próprio significado histórico intrínseco¹¹.

O que justifica as ações de Tex é o fato dele estar do lado do “bem” e das vítimas. Ou seja, se ele tem as mesmas atitudes que os bandidos, que os brancos linchadores, que aqueles que querem exterminar os indígenas e os negros, se ele usa as mesmas táticas, mas está do lado dos oprimidos, ele é um herói e suas ações passam a ter validade e são justificáveis. Se para o cristão que lê Tex não matar é um dos mandamentos, mas o personagem mata em nome da justiça, da verdade, da liberdade, da defesa das vítimas – dos fracos e oprimidos, então há uma relativização, uma suavização na leitura do mandamento.

Sul profundo (1982) inicia com o ranger ouvindo o relato de um senhor bem vestido com paletó, chapéu, lenço e montado a cavalo (indicativo de posse). Pela representação gráfica do personagem e a partir de leituras anteriores do gibi, podemos inferir que ele é um fazendeiro e provavelmente lidera o pequeno grupo que o acompanha, uma vez que também é o porta-voz do acontecimento. Segundo seu relato, um negro que

¹¹A belief in progress has been a driving force in the modern world; as a depository of enormous hopes for progress, the American West may well be the best place in which to observe the complex and contradictory outcome of that faith. Beyond its national role, Western America has its own regional significance. Remoteness from both new York and Washington D.C.; the presence of most of the nation’s Indian reservations; proximity to Mexico; ports opening to the Pacific Basin and Asia; dependence on natural-resource extraction; the undergoing of conquest at a time when the American nation was both fully formed and fully self-conscious; the association of the region with a potent and persistent variety of nationalistic myth; the aridity of many areas: all these factors give Western America its own, intrinsic historical significance. (p. 29-30).

estava arrumando encrencas os atacou (a ele e seu companheiro Boone Freddy) na entrada da cidade após ter atirado contra o xerife. É importante a caracterização fenotípica do personagem pois ela é reveladora para os leitores de qual é o problema central da história antes mesmo que tenham acesso às páginas seguintes: será uma discussão que levará em conta conflitos entre brancos e negros e terão críticas feitas quanto às posturas preconceituosas com relação a estes últimos por causa da cor da pele e pode envolver também disputas por terra em se tratando dos estados do Sul, ou seja, o assunto da revista já é adiantado aos leitores por meio dos diálogos das primeiras páginas.

Desde o princípio, por meio dos adjetivos pejorativos utilizados (“caras de carvão”), Tex percebe que o grupo está mal-intencionado e como o próprio ranger afirma por diversas vezes, pressente o “cheiro de queimado”. Por isso se dispõe a ajudar: para acompanhar de perto o desenrolar da história e evitar qualquer mau julgamento; para ser a Lei no inóspito e violento território.

Quando o ranger entende o que se passa, após escutar a versão contada pelo negro, conclui que é uma injustiça: o grupo quer linchar e enforcar o prisioneiro em praça pública sem um julgamento apropriado e sem ouvir a parte acusada, tomando-o como culpado. Como representante da Lei, Tex se coloca entre o grupo de linchadores e o negro. Por ser branco e ranger, sua fala é respeitada. O que se passa a seguir é uma atitude esperada de Tex pelos leitores e bastante recorrente¹²: ele assume a responsabilidade pela investigação que, a partir daquele momento, será conduzida sob a garantia de que não haverá mais abusos contra este sujeito, que é uma projeção no gibi de toda a população negra – a própria ausência do nome (o que dá identidade, personifica, restringe) é indicativo disto. Levanto esta hipótese porque em outras revistas os personagens possuem nome, e são tratados pelo nome próprio.

Graficamente, os negros são desenhados de maneira muito estereotipada e pouco distinta: as mulheres com turbantes e vestidos longos, gordas, enquanto os homens portam roupas simples, provavelmente feitas de algodão, geralmente só calças, cabelos curtos, corpo atlético (de trabalhador braçal) e lábios e narinas grandes, algumas vezes retratados

¹² Em quase todas suas aventuras, quando se vê diante de um conflito, Tex se coloca à disposição para resolvê-lo, o que lhe rende o apelido de “abelhudo” entre seus inimigos.

de maneira grosseira (com traços mais carregados). Ou seja, o desenho usa de características fenotípicas para determinar quem são os personagens negros (muito mais do que o modo de vestir ou a linguagem utilizada, como é o caso dos indígenas por exemplo, que falam “mim” ou na terceira pessoa) já que o gibi é preto e branco, impossibilitando distinguir os personagens pelas características fenotípicas de cor de pele.

Com o desenrolar da história nos familiarizamos com a “rixa” entre as classes que se mostra além do campo econômico (disputa de terras); é um conflito que está enraizado historicamente na disputa entre negros e brancos. Na fala do personagem acusado percebemos isto ao levantar o questionamento em tom de esperança: “quem sabe um dia pagarão por todos os males que fizeram à nossa gente?”.

Sua fala está repleta de emoção e de significado, a começar pelo close frontal dado na vinheta, destacando a expressão de ódio contra os brancos e também a fala de alguém perseguido. Ele se coloca como parte de um todo: todos os outros negros estão representados em sua figura; é como se fossem um grupo homogêneo destacados pelo plural no pronome próprio “nossa” e no substantivo “gente”. Além disso, está diretamente dirigida aos leitores como uma forma de denunciar a história dos Estados Unidos.

FIGURA 1 -



Fonte: TEX SUL PROFUNDO, 1982, p. 119.

Tex se compromete com o negro em levar ao júri a questão. A fala do negro – cujo nome até então nem fora apresentado, “estranhas palavras para um branco”, é reveladora dos hábitos de confrontos, tensionamentos nas relações entre os grupos de negros e de brancos na região, o que é reforçado pela atitude do bando que acompanha Tex ao

tentarem adiantar o julgamento partindo diretamente para a aplicação da pena de morte e tomando o negro como culpado a priori. É somente com o enfrentamento de Tex e a fala do líder do grupo se colocando também a favor do julgamento que o grupo se acalma, mas não deixa de tramar a morte do suspeito antes que o ranger possa agir.

A fala dos personagens brancos para se referirem ao capturado é reveladora também de um poder que objetifica o outro: “o negro disse tudo ranger”. Ou seja, não há nome, não há aproximação, mas sim distanciamento por meio do artigo e do substantivo qualificando o personagem que ainda se encontra em posição sentada – abaixo dos demais que estão em pé e decidem seu futuro conversando como se o mesmo nem estivesse presente na cena. Além disto, o uso da terceira pessoa também é indicador de um distanciamento (que não é só físico e cultural, mas também linguístico).

Na continuação da história, *Linchamento* (1982), Tex conduz o prisioneiro aos cuidados do xerife. Como ele não faz distinção de classe, cor/etnia, gênero, se dispõe a investigar, pois encontra inconstâncias entre as duas versões que chegaram ao seu ouvido. A primeira, contada pelos brancos, coloca o negro como culpado: ele estava “criando problemas no saloon” e atacou o xerife. A segunda versão, é bem diferente: ele estava no saloon e foi incomodado por um bando de brancos que o atacaram a fim de o tirarem do ambiente. Para se defender atirou contra eles.

Toda a problemática inicial gira em torno da permissividade em frequentar os lugares. A presença do dele no saloon é tida como abusiva e desafiadora pelos brancos. Isto é uma referência crítica às políticas de segregação que os Estados Unidos tiveram com calçadas para brancos e para negros, com espaço no fundo do ônibus destinados somente aos negros, ou em outros ambientes públicos.

O desenrolar da história traz o julgamento e inocenta o acusado, porém, somente após muito trabalho de Willer. Na última página o comandante de todo o bando que queria exterminar os negros morre tragicamente. Tendo caído dentro do rio e não sabendo nadar, pede ajuda a um senhor que não reconhece. Ele é um negro que fora chicoteado por um grupo de brancos.

Quando este vê quem era que pedia socorro, se nega a ajudar, mesmo sob a oferta de dinheiro. Seu gesto é revelador de que a questão não é econômica, é social. Não irá

ajudar porque logo não haverá mais diferenças entre brancos e negros. Desta forma termina a história, com uma mensagem moral futura que é dedicada não ao branco que afoga, mas sim aos leitores da HQ, proferidas por um negro, trabalhador. Assim se encerra mais uma aventura reforçando a ideia de que justiça foi feita.

A história data do início dos anos 1980 no Brasil e é de uma violência que hoje provavelmente despertaria algumas discussões sobre, tanto o homicídio, quanto o desenho detalhado da morte do homem branco, que tem uma página inteira dedicada a ela. Nas HQs atuais, diante de uma autocensura [talvez?] dos próprios roteiristas e desenhistas, atentos ao politicamente correto, teríamos no máximo uma referência dizendo que ele morreria, ou uma cena distante, sem os detalhes gráficos que nos são apresentados em *Linchamento*.

O final desta hq é extremamente simbólico pois representa a ação de um negro de maneira generalizada, como se fosse em nome de todos. O vilão, branco, está se afogando e pede ajuda à um negro que se encontra à margem do rio. Este recusa a ajuda, mesmo diante da oferta de dinheiro pois o que está em jogo não é receber por um serviço (o que já é um dado importante, uma vez que os negros eram escravos e não recebiam salário), mas sim a vingança de uma raça travestida de justiça: é um branco escravagista a menos para ser combatido pela Lei estadunidense.

Em TEX os fins justificam os meios, ou seja, se é preciso que um branco morra para servir de exemplo à sociedade escravagista, isto será feito. Sua morte significa o início do fim da escravidão, ou o início do combate à escravidão: “para onde você irá não existe mais diferença entre negros e brancos”, afirma o personagem negro. E para quem, por falta de interpretação, achar que ele se refere ao paraíso, o último quadrinho deixa bem claro que não: “vá pedir socorro ao diabo, branco”.

Este personagem merece a sua morte, ela é apresentada como resultado de suas ações. E a forma como a revista é construída, leva os leitores a desejarem e concordarem com o fim destinado ao vilão. Como hoje os direitos humanos ainda são uma forte ideia e ainda são respeitados em muitos países, e também como já enfrentamos em diversas sociedades o fim da escravidão, este tipo de ação é judicialmente criminal. Entretanto, para os leitores, conduzidos pela narrativa, nada mais certo que personagens que sejam

preconceituosos, ladrões, pessoas más, sejam mortos ao final das aventuras – principalmente nas revistas do início das publicações Texianas.

FIGURA 2 -



Fonte: TEX LINCHAMENTO, 1982, p. 124.

Considerações finais:

Nas representações de negros em TEX, observo que não há uma distinção como há para os indígenas em questão de tribos e etnias, com muitos detalhes (cocar, cor da flecha, localização no mapa, hogans, etc.). Para os negros é como se fossem todos um só grupo, homogêneo. Não sabemos sequer a origem (Mali? Costa do Marfim?). Talvez por uma falha da própria historiografia em fornecer fontes para pesquisas da equipe da Bonelli[?]. Ou talvez porque na história dos Estados Unidos há um recalque maior em falar dos negros do que dos indígenas [?].

Mergulhar nas análises a respeito dos grupos presentes no Oeste e que estão representados nas HQs possibilitou a continuidade desta pesquisa no doutorado, cuja proposta é compreender melhor o mundo simbólico de Tex - o personagem e TEX - a revista, que é consumida em diversos países, dentre eles o Brasil, sendo um dos maiores países consumidores. Neste sentido, o doutorado possibilitará aproximar dos fãs, aprofundar discussões e pensar as revistas a partir das sensibilidades e inserida nas Performances Culturais.

Referências Bibliográficas:

ANTUNES, Aline Ferreira. **Tex e os tipos raciais: 1953-2000**. 2019. 164p. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

_____. **Tex Willer: o mito do herói estadunidense produzido na Itália**. 2015. 114p. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

BANTON, Michael. **Racial Theories**. Cambridge University press: Cambridge, England, 1998.

BAUMAN, Richard. **A Arte Verbal como Performance**. Waveland Press, 1987.

_____. **A Poética do Mercado Público: Gritos de Vendedores no México e em Cuba. Antropologia em primeira mão**. Programa de Pós-Graduação em

Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis : UFSC, 2008 - v.103.

BLACK, Les; SOLOMOS, John. (editors) **Theories of race and racism. A reader.** First edition 2000. Second 2009. By routledge, USA editor Routledge.

BONELLI, G.L.; GALLEPPINI, A. Tex. São Paulo: Rio Gráfica Editora (RGE), Vecchi, Globo, Mythos, 1986-2016. (Republicações das revistas Tex Coleção, volumes 1-500).

CAMARGO, Robson Corrêa de. Per-formance e performance art: superar as velhas traições. In: CAMARGO, R. (org) et All. **Performances da Cultura: Ensaios e Diálogos.** Goiânia, Kelps, 2015 pp. 19-30. Apresentado no III Colóquio Antropologias em Performance, UFSC 2015. Disponível em:

https://performancesculturais.emac.ufg.br/up/378/o/robson-performance_superar_velhas_traies_14pgs_28nov15.pdf. Acesso em 18 jul. 2019.

_____. **Milton Singer e as Performances Culturais: Um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise.** 2013. Califórnia State University.

Disponível em:

<http://web.calstatela.edu/misc/karpa/KARPA6.1/Site%20Folder/KARPA6.1.html>.

Acesso em 18 jul. 2019.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

_____. O Mundo como representação. **Revista das revistas.** V. 5. Nº 11, USP, São Paulo, 1991. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em 18 jul. 2019.

DAWSEY, John C. Sismologia da performance: Ritual, drama e *play* na teoria antropológica. **Revista de antropologia.** V. 50. Nº 2, 2007. USP, São Paulo. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27271>. Acesso em: 18 jul. 2019.

_____. Victor Turner e antropologia da experiência. **Cadernos de Campo**, no. 13, 2005.

FISCHER-LICHTE, Erika. A cultura como performance - Desenvolver um conceito. **Estudos aplicados.** Sinais de cena 4. 2005. Disponível em:

<https://revistas.rcaap.pt/sdc/article/view/12426/9539>. Acesso em 18 jul. 2019.

GEERTZ, Clifford. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem. In: **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara / Koogan S. A, 1989.

HANNAFORD, Ivan. **Race**. The history of an idea in the West. USA, 1996. Editora: Johns Hopkins University Press.

HUGHES, Howard. **Once upon a time in the Italian West**. The filmgoers' guide to Spaghetti westerns. New York: Tauris & Co Ltd., 2009.

LIMERICK, Patricia Nelson. **The legacy of conquest**. New York: Norton, 1987.

MAESO, Silvia Rodríguez; ARAÚJO, Marta. (coord.). **Compreender as lógicas do racismo na Europa contemporânea** – projeto de investigação TOLERACE. Brochura com principais resultados e recomendações. Coimbra, Portugal: Ediliber, 2013.

Disponível em:

http://www.ces.uc.pt/projectos/tolerance/media/TOLERACE_booklet_pt.pdf. Acesso em 16 mar. 2018.

MARVIN CARLSON: Performance: a Critical Introduction, uma breve crítica da edição em português. In: CAMARGO, Robson Corrêa de (Org.). **Corpo, Estética e Diferença e outras performances nômadeas**. Disponível em:

https://ppgipc.cienciassociais.ufg.br/up/378/o/2015_MARVIN_CARLSON_Performance_a_Critic.pdf. Acesso em 18 jul. 2019.

MINISTRA NEGRA FORÇA A ITÁLIA A ENCARAR O PRÓPRIO RACISMO. **Carta Capital**, 2013. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/internacional/ministra-negra-forca-a-italia-a-encarar-o-proprio-racismo-2798.html>>. Acesso em 18 ago. 2017.

MOVIMENTO PELOS DIREITOS CIVIS. In Britannica Escola Online. **Enciclopédia Escolar Britannica**, 2017. Web, 2017. Disponível em:

<<http://escola.britannica.com.br/article/480991/Movimento-pelos-Direitos-Civis>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2017.

PESAVENTO, Sandra. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. [En ligne], Colloques, mis en ligne le 04 février 2005. Disponível em : <http://nuevomundo.revues.org/229>. Acesso em 18 jul. 2019.

POLIAKOV, LÉON. **O mito ariano**. Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

QUINSANI, Rafael Hansen; ALMEIDA, César. *The Searches* ou o *Western* Americano por excelência? **O olho da história**, n. 16, Salvador (BA), julho de 2011.

SANTOS, Nádya Maria Weber. **Narrativas da Loucura e Histórias de sensibilidades**. Porto Alegre, Ed. da Universidade/ UFRGS, 2008.

SHEROW, JAMES E. (editor). **A sense of the American West**. An anthology of environmental History. University of new Mexico Press. 1988.

SOUZA, Alexandro Carlos de Borges. **Quadrinhos à italiana**: o uso da cor em substituição à trilha sonora na adaptação do *western spaghetti* para os quadrinhos em Loveless. Publicado no segundo Congresso internacional Viñetas Serias: narrativas gráficas: lengüetas entre el arte y el mercado, Buenos Aires, 2012.

TURNER, Victor. Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em antropologia da experiência (primeira parte), de Victor Turner. In **Cadernos de Campo**, no. 13, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50265>. Acesso em: 18 jul. 2019.

_____. **Floresta de símbolos**: aspectos do ritual Ndembu. EdUFF, 2005.

VERGUEIRO, W. de C. S. SANTOS, R. E. Dos S. Para uma metodologia da pesquisa em História em quadrinhos. In: BRAGA, J. L.; LOPES, M. I. V.; MARTINO, L. C. (Orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2017.

_____. **Pesquisa acadêmica em histórias em quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2017.